# Dia 26 — São Cipriano e Santa Justina, Virgem, Mártires

## Martirológio Romano

O martírio dos santos mártires Cipriano e Justina, virgem, em Nicomédia; a qual, no tempo do imperador Diocleciano e do presidente Eutolmio, havendo padecido muitos tormentos por Jesus Cristo, converteu à fé o mesmo Cipriano, que era mago e procurava perverter-la com seus encantamentos; e depois foram ambos martirizados e juntamente alcançaram a coroa do martírio. Seus corpos os lançaram às feras e de noite os recolheram uns marinheiros cristãos e os levaram a Roma; mais adiante foram trasladados à Basílica Constantiniana e colocados junto ao batistério. (Veja-se sua história hoje.)

São Calístrato, mártir, e outros quarenta e nove soldados, em Roma; os quais, na perseguição de Diocleciano, havendo visto como Calístrato, metido num saco cheio de trigo e submergido no mar, com o auxílio de Deus havia saído sem dano nenhum, abraçaram a fé de Jesus Cristo e padeceram o martírio juntamente com ele.

São Eusébio, papa, também em Roma. (Sucedeu a São Marcelo no pontificado e sustentou com decisão a disciplina da Igreja na rigorosa observância dos cânones penitenciais a respeito dos pecadores penitentes, especialmente daqueles que haviam negado a fé nas perseguições. Muitos, ofendidos deste rigor, com um tal Heráclio por caudilho, ocasionaram-lhe grandes distúrbios; mas o verdadeiro pastor sustentou seu terreno com paciência invencível. Foi desterrado à Sicília pelo tirano Maxêncio, onde morreu no ano de 310. Seu pontificado só durou quatro meses e dezesseis dias.)

Santo Eusébio, bispo e confessor, em Bolonha.

São Vigílio, bispo, em Bréscia.

São Senador, em Albano.

São Nilo, abade, nas cercanias de Tívoli, fundador do mosteiro de Grottaferrata, varão de grande santidade. (Chamou-se no batismo Nicolau, cujo nome mudou depois pelo de Nilo: nasceu em Rossano, na Calábria, de uma família grega, e foi casado. Havendo morrido sua esposa, retirou-se a um mosteiro e, passados alguns anos, fixou sua residência num bosque junto a uma pequena capela dedicada a São Miguel, onde chegou a tão alto ponto a reputação de sua santidade que de todas as partes, até os Bispos e os Príncipes, se achegavam a consultá-lo. Com ocasião de visitá-lo, vários ficaram a viver junto a sua cela. Por causa das incursões dos sarracenos, Nilo com seus discípulos foi-se primeiro ao monte Cassino, logo passou dez anos no mosteiro de Serperi e, finalmente, fixou-se em Túsculo, onde fundou o mosteiro de Grottaferrata. Morreu no Senhor no ano de 1003, aos noventa de sua idade.)

Santo Amâncio, presbítero, em Castelo, esclarecido pelo dom de milagres.

# São Cipriano e Santa Justina, Virgem, Mártires

Nasceu São Cipriano em Antioquia da Síria, de uma família distinguida por sua nobreza, por suas riquezas, por sua reputação, mas sobretudo por sua cega adesão a todas as superstições do gentilismo. Seus pais o dedicaram aos demônios desde a idade de sete anos e dispuseram que se educasse em todas as ciências dos sacrifícios, da astrologia judiciária, dos encantamentos e da magia. Acharam seus mestres em Cipriano um gênio superior para estas faculdades, com uma inclinação tão viva a esta arte diabólica que em breve tempo foi um dos mais hábeis magos entre todos eles. Muito resolvido a não ignorar segredo algum de quantos pudesse adquirir na escola dos astrólogos, dos feiticeiros e dos adivinhos, passou a Atenas, depois a Argos e dali à Frígia, adiantando muito a todos os facultativos; de sorte que, reconhecido universalmente pelo mago mais hábil de toda a Grécia, era buscado para presidir aos sacrifícios que se ofereciam aos demônios. Não contente com o que já tinha aprendido naquela infernal arte, passou ao Egito e penetrou até a Índia para aprender mais e mais. Noticioso de que os caldeus eram muito sobressalentes na astrologia judiciária, encaminhou-se a eles, iniciou-se em seus infames mistérios e no exercício de todo gênero de sortilégios; fez-se o mago mais famoso e o mais familiar com os demônios que haviam conhecido os séculos. Horroriza só o ler as abominações em que aquela arte o precipitou. Não houve infâmia, não houve fedor abominável em que não se revolcasse e de que não houvesse feito vaidade. Não se conhecia a Cipriano por outro nome que pelo de grande mestre da arte dos demônios. Para o uso de suas operações mágicas valia-se de corpos humanos; homens, mulheres e meninos, a todos os degolava secretamente, oferecendo seu sangue aos demônios, buscando em suas entranhas os presságios do futuro e meios para assegurar o sucesso de seus encantamentos.

Somente nos Cristãos experimentava que nada podia com eles e por esta maravilha não podia sofrê-los. Fazia tudo o possível para desacreditá-los e para persegui-los: injúrias, calúnias atrozes, afrontas dolorosas, zombarias sangrentas de sua virtude e sátiras bufonas para tornar ridículos

seus mais sagrados mistérios: de tudo se valia para perdê-los. Este era Cipriano até a idade de trinta anos, quando o Pai das misericórdias o escolheu, como a outro Saulo, para fazer dele um vaso de eleição e para animar com seu exemplo a confiança dos maiores pecadores.

Depois de todas aquelas excursões, Cipriano restituiu-se a Antioquia, onde foi considerado como chefe de todos os magos. Havia na mesma cidade uma donzela chamada Justina, filha de pais gentios. Seu pai Edésio e sua mãe Cledônia a haviam educado cuidadosamente nas superstições do paganismo; mas, como Justina era de muito entendimento, logo que ouviu os sermões de Praílio, diácono de Antioquia, renunciou às extravagâncias da gentilidade; e, convertendo-se ela à fé de Jesus Cristo, converteu também a seus pais à mesma.

Desde o ponto em que se fez cristã foi uma das esposas mais ilustres de Jesus Cristo, consagrando-lhe sua virgindade e aplicando-se a adquirir todas as demais virtudes que fomentam e conservam esta delicada virtude. Não havia em toda a Síria formosura mais peregrina. Era a modéstia sua virtude favorecida, pelo que raríssima vez se deixava ver em público e sempre coberta com seu manto ou com seu véu. Mas todo o seu cuidado em que ninguém a visse não bastou para que deixasse de lográ-lo um jovem chamado Agláio, o qual ficou tão cegamente prendado de sua beleza e se acendeu em seu coração um fogo tão infernal e tão impuro que formou nele uma violentíssima paixão. Não perdoou a meio algum o idólatra jovem para satisfazê-la; mas, experimentando inúteis todas as suas diligências, recorreu a Cipriano, tendo por certo que seus mágicos feitiços o poriam em paragem de lograr seus perniciosos intentos.

Achava-se o mesmo Cipriano furiosamente abrasado em igual ou maior lascivo fogo por Justina; mas, dissimulando-o, ofereceu-se desde logo a trabalhar na empresa com tanto empenho como quem trabalhava para si. Valeu-se dos mais poderosos meios da magia para enfeitiçar a virgem de Jesus Cristo; mas tudo inutilmente. Ofereceu aos demônios os mais abomináveis sacrifícios, invocou-os, e eles lhe prometeram tudo, sentindo-se com efeito a castíssima donzela assaltada de horríveis tentações e atemorizada com visões horrorosas; mas, sustentada da graça, que mereceu com suas contínuas orações, com suas espantosas penitências e sobretudo com a confiança na poderosa proteção da santíssima Virgem, de quem era muito devota desde sua conversão, chamando-a sua querida mãe, saiu sempre triunfante e vitoriosa. Em vão os demônios punham em movimento quantos malignos artifícios podiam inventar para derrubá-la; em vão a tentavam atemorizar pondo-lhe diante figuras horrorosas; em vão a golpeavam até pô-la em perigo de vida; só com fazer o sinal da cruz se desvaneciam todas aquelas ilusões e punha em vergonhosa fuga todas as potestades do inferno. Observa São Gregório que, enquanto duravam aqueles violentos combates, não cessava de invocar a santíssima Virgem, suplicando-lhe que favorecesse outra virgem cuja castidade corria tanto perigo; e que a puríssima Senhora lhe assegurou a vitória. Agitado Cipriano do furor de sua paixão e cheio de indignação por considerá-la sem remédio, voltou-se colérico contra o demônio e, lançando-lhe em rosto a pobreza de suas forças, disse-lhe: «Pois quê, é tão limitado teu poder que não o tens para render uma terna donzelinha? Tu que tanto ponderas a irresistível força de teu braço e que em tantas ocasiões tens feito tão portentosas maravilhas, que mudança é esta? De onde nasce esta novidade? Quem protege essa terna donzela contra ti? De que armas se vale para zombar de todos os teus esforços?» Forçado então o demônio por uma virtude superior, confessou-lhe a verdade e lhe disse: que o Deus dos Cristãos era o soberano Senhor do céu, da terra e do inferno; que nenhum demônio podia resistir ao sinal da cruz

que Justina fazia continuamente; e que com este sinal, logo que algum se lhe aproximava para tentá-la, punha-o em precipitada fuga. «Segundo isso, replicou Cipriano, muito louco tenho sido eu em não haver-me dedicado a servir a um senhor que é mais poderoso que tu. Se só o sinal da cruz em que morreu esse Deus dos Cristãos pode tanto, que poder não terá o mesmo Deus? Não, não quero eu crer em teus prestígios; renuncio a teus sortilégios, e espero que desde este mesmo ponto o Deus de Justina será também o meu.»

Irritados os demônios de que se lhes escapasse aquele por cujo meio haviam conquistado a tantos, apoderaram-se ao ponto de seu corpo; mas logo deixaram a pousada, diz São Jerônimo, compelidos da graça de Jesus Cristo, que se fez dono daquele coração. Muitos e muito violentos combates teve que sofrer contra os inimigos de sua salvação e contra si mesmo para romper seus inveterados costumes no pecado; mas o Deus de Justina, que não cessava de invocar desde que conheceu seu poder, o tirou vitorioso de tudo.

Tinha Cipriano um amigo chamado Eusébio, que era cristão e muitas vezes o havia admoestado que deixasse aquela infame profissão. Buscou-o Cipriano e, desfazendo-se em lágrimas, disse-lhe: «Já enfim, amado amigo, reconheci meus erros e apalpei meus descaminhos. Dize-me claramente se teu Deus, a quem desde logo confesso por único Deus verdadeiro, se dignará receber no número de seus servos um homem tão malvado como eu; e se poderá alentar-se minha esperança a ter alguma parte em suas misericórdias.» Gozosamente surpreendido Eusébio à vista de tão milagrosa mudança, deu-lhe mil parabéns e o animou a esperar tudo da misericórdia do Senhor, cujos efeitos experimentava já naquela mesma conversão. Serviu-lhe muito aquele bom amigo nos primeiros dias de prova; porque os demônios, vendo que Cipriano perseverava firme em sua resolução, puseram em execução todos os seus enredos, todas as suas tentações e todos os seus artifícios para perdê-lo. Irritaram todas as suas paixões aqueles espíritos orgulhosos, impuros e fedorentos, pondo verdadeiramente em terríveis provas sua generosa resolução; mas, fortalecido Cipriano com a divina graça, sustentado e alentado com os bons conselhos de seu amigo Eusébio, resistiu a todos os esforços do inferno. Fazia incessantemente sobre si o sinal da cruz: tinha de contínuo na boca e no coração o sagrado nome de Jesus Cristo e não cessava um ponto de implorar a assistência da santíssima Virgem. Vendo os demônios que lhes saíam mal todos os demais artifícios, acordaram tentá-lo pelo caminho do desespero; tentação que não foi a menor, mas talvez a mais perigosa de todas.

Representaram-lhe que o Deus dos Cristãos era na verdade o único verdadeiro Deus; mas que era um Deus de pureza, um Deus que castigava com extrema severidade as menores culpas, de cujo excessivo rigor eles mesmos eram a mais decisiva prova, pois por um só pecado de orgulho eram vítimas de sua eterna cólera. Que não havia perdão para ele, para quem já estava preparado um lugar no mais profundo do inferno pela enormidade de seus pecados; e, pois já não tinha que esperar misericórdia, o único e melhor partido que lhe restava era divertir-se e dar gosto a suas paixões enquanto lhe durasse a vida. Em grande perigo pôs a salvação de Cipriano esta terrível e apertada tentação. Seu amigo Eusébio o sustentou muitas vezes para que não desconfiasse da misericórdia de Deus; e, temendo que ao cabo o rendesse, levou-o consigo a Antimo, bispo de Antioquia. A princípio receou o santo Prelado que se ocultasse alguma superchería sob aquelas aparências de conversão e desconfiou muito assim das palavras como das lágrimas do famosíssimo mago; mas, instruído bem de tudo o que havia passado, do motivo de sua conversão

e da generosidade com que havia resistido a todas as provas, esforçou-o, catequizou-o e o dispôs para receber o Batismo.

Informada já por este tempo Santa Justina de tudo o que se passava e da conversão milagrosa de Cipriano, não cessava de implorar para ele a misericórdia do Senhor com rigorosas penitências e com fervientes orações. Achando-se Cipriano suficientemente instruído e cada dia mais confirmado em sua resolução, levou todos os seus livros de magia ao santo Bispo; e, para convencer a todo o mundo da sinceridade de sua conversão, ele mesmo quis queimá-los por sua própria mão em presença de todos os fiéis. Reengendrado já à graça pelo santo Batismo, foi depois tão zeloso cristão como antes havia sido hábil e pernicioso mago, fazendo sua conversão tanto fruto como ruído; e, transformado em defensor e pregador da fé de Jesus Cristo, converteu um prodigioso número de gentios.

Teve Santa Justina tanto gozo desta insigne conversão que, em testemunho de seu reconhecimento ao autor dela, diz São Cipriano, acendeu uma lâmpada, cortou os cabelos para consagrá-los a Deus, vendeu todas as suas galas, joias e móveis, com tudo o que tocava a seu dote, e repartiu o preço entre os pobres. Seu pai e sua mãe também ofereceram a Deus a casa e lha cederam para que se convertesse em igreja. Eusébio foi reconhecido desde então como o anjo do Senhor e, a instância de todos os fiéis, foi ordenado de presbítero. Agláio, em cujo favor havia cometido Cipriano tantos e tão abomináveis pecados, reconheceu a fraqueza e os embustes dos demônios, fez-se cristão e distribuiu toda a sua fazenda entre os pobres.

Fez São Cipriano maravilhosos progressos nos caminhos de Deus. Desde então foi sua vida um contínuo exercício da mais rigorosa penitência. Deixava-se ver algumas vezes à porta da igreja com a cabeça desnuda, coberta de cinza, prostrado em terra e pedindo a todos os fiéis que implorassem a misericórdia de Deus por aquele miserável pecador. Para humilhar-se mais e para abater seu natural orgulho conseguiu à força de grandes rogos que lhe encarregassem o cuidado de limpar e de varrer a igreja. Vivia em companhia do presbítero Eusébio, a quem sempre considerou e venerou como a seu pai em Jesus Cristo; e aquele Senhor, que se compraz em derramar os tesouros de sua misericórdia sobre os humildes e sobre os maiores pecadores verdadeiramente arrependidos, concedeu-lhe o dom de milagres.

Como estava dotado de uma eloquência natural e persuasiva, empregou seus talentos em converter os idólatras. Foi nisto extraordinariamente feliz e aumentou tão consideravelmente o rebanho de Jesus Cristo que, depois da morte de Antimo, se assegura que todos os fiéis o escolheram unanimemente por seu pastor e que foi sucessor seu na sé de Antioquia. O que havia sido fervoroso cristão e santo presbítero foi depois modelo de prelados, reconhecendo logo todo o seu rebanho que tinha em Cipriano um novo apóstolo. Impelido de sua humildade, divulgou sua confissão; e esta confissão, em que não dissimulava alguma de suas culpas, animou a confiança dos maiores pecadores e contribuiu muito à conversão dos infiéis.

Fazia muito ruído no mundo o nome de São Cipriano, suas estranhas aventuras, seu zelo e as conquistas que fazia cada dia estendendo o reino de Jesus Cristo; pelo que não podia deixar de chegar à notícia dos Imperadores. Diocleciano achava-se à sazão em Nicomédia; e, informado assim das maravilhas de Cipriano como da eminente santidade da virgem Justina, mandou prendê-

los. Eutolmio, governador da Fenícia, cuja ordinária residência era a cidade de Tiro, fez que se lhe conduzissem ao mesmo tempo que foi presa Santa Justina em Damasco, onde se havia retirado com um crescido número de outras santas donzelas. Havendo comparecido ambos em presença do Juiz, responderam com tanta constância e com tanta generosidade, confessando a fé de Jesus Cristo com tanta resolução, que Eutolmio ficou surpreendido; mas, não querendo que ninguém cresse que favorecia os Cristãos, mandou despedaçar a açoites Santa Justina e ao mesmo tempo fez suspender no ar São Cipriano e que o esfolassem e sulcassem o corpo até os ossos com unhas de aço e garfos pontiagudos, de modo que causava horror até aos mesmos pagãos. Mas, como este terrível tormento não debilitasse um ponto sua firmeza, mandou que os encerrassem em prisões separadas; e, vendo que nem suas ameaças nem suas promessas faziam impressão no ânimo nem no coração dos generosos Mártires, ordenou que cada um deles fosse metido numa caldeira de cobre cheia de pez, graxa e cera derretida. Conheceu-se que os santos Mártires não sentiam dor alguma naquele tormento pela alegria que manifestavam em seus semblantes e em suas palavras; e até se notou que não tinha forças nem calor o fogo que estava debaixo da caldeira. Achava-se presente um sacerdote dos ídolos chamado Atanásio, grande mago e em outro tempo companheiro e discípulo de Cipriano, o qual se persuadiu de que tudo aquilo era efeito dos feitiços e encantamentos de seu antigo mestre. Veio-lhe a vontade de fazer o mesmo, com o fim de desacreditar as maravilhas de São Cipriano e de caminho fazer-se homem famoso e recomendável a todo o povo. Havendo feito, pois, suas invocações aos demônios, suas imprecações e suas cerimônias mágicas, arroja-se precipitadamente numa caldeira; mas não bem entrou no fogo quando ficou reduzido a cinza. Com este sucesso ficaram novamente aplaudidas e estimadas as maravilhas de nosso Santo; de modo que faltou pouco para que se sublevasse em seu favor toda a cidade. Intimidado o Juiz, tomou o partido de remeter os santos Mártires a Diocleciano, que à sazão se achava em Nicomédia, e lhe escreveu tudo o sucedido. Logo que Diocleciano leu a carta mandou que sem outra formalidade nem processo lhes cortassem a cabeça, o que se executou imediatamente no dia 26 de setembro, à margem do rio Galo, que passa perto da cidade.

Outro cristão chamado Teoctisto, que havia declarado bastantemente sua profissão aproximando-se do ouvido de São Cipriano para falar-lhe em segredo, recebeu a mesma coroa que eles, sendo condenado pela própria sentença. Era um marinheiro que acabava de desembarcar na Bitínia e vinha das costas da Toscana. Noticiosos seus companheiros do que havia passado, acudiram a levar os santos corpos, apesar dos guardas apostados para estorvar que se lhes desse sepultura. Estas preciosas relíquias foram levadas a Roma e ali estiveram ocultas muito tempo em casa de uma virtuosa senhora, até que outra senhora não menos piedosa, chamada Rufina, descendente do imperador Cláudio II, lhes fez edificar uma pequena igreja no tempo do imperador Constantino, de onde enfim foram trasladadas à igreja de São João de Latrão, por outro nome a Basílica de Constantino. Venera-se em Toulouse uma porção destas santas relíquias.

# Missa (oração)

A missa é em honra dos santos mártires Cipriano e Justina, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Beatorum martyrum Cypriani et Justinæ nos, Domine, foveant continuata præsidia: quia non desinis propitius intueri, quos talibus auxiliis concesseris adjuvari. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

**Português:** Protejam-nos, Senhor, o continuado favor de vossos bem-aventurados mártires Cipriano e Justina, porque nunca deixais de amparar os que concedeis a graça de que mereçam semelhante proteção. Por Nosso Senhor Jesus Cristo...

# Epístola

A epístola é do capítulo 10 da de São Paulo aos Hebreus.

**Hebreus 10,32-38**

> **Latim:** 32 Rememoramini autem pristinos dies, in quibus illuminati, magnum certamen sustinuistis passionum : 33 et in altero quidem opprobriis et tribulationibus spectaculum facti : in altero autem socii taliter conversantium effecti. 34 Nam et vinctis compassi estis, et rapinam bonorum vestrorum cum gaudio suscepistis, cognoscentes vos habere meliorem et manentem substantiam. 35 Nolite itaque amittere confidentiam vestram, quæ magnam habet remunerationem. 36 Patientia enim vobis necessaria est : ut voluntatem Dei facientes, reportetis promissionem. 37 Adhuc enim modicum aliquantulum, qui venturus est, veniet, et non tardabit. 38 Justus autem meus ex fide vivit : quod si subtraxerit se, non placebit animæ meæ.

**Português:** 32 Trazei pois á memoria os dias primeiros, em que depois de haverdes sido illuminados, soffrestes grande combate de trabalhos: 33 pois por huma parte com opprobrios, e tribulações fostes na verdade feitos hum espectaculo: e por outra fostes feitos companheiros dos que se achavão no mesmo estado. 34 Porque não só vos compadecestes dos encarcerados, mas levastes com contentamento, que vos roubassem as vossas fazendas, conhecendo que tendes patrimonio mais excelente, e durável. 35 Não queiraís pois perder a vossa confiança, que tem hum crescido galardão. 36 Porque vos he necessaria a paciencia: para que fazendo a vontade de Deos, alcanceis a promessa. 37 Porque ainda dentro d’hum poucochinho de tempo, o que ha de vir, virá, e não tardará. 38 Mas o meu justo vive da fé: porém se elle se apartar, não agradará á minha alma.

# Reflexões

O tempo que resta é curto, e muito curto. Por longa que seja a vida, toda a sua duração é menos que um instante a respeito da eternidade. Que são setenta, que são noventa anos comparados com uma duração sem fim! São como um ponto, como menos que um ponto a respeito da extensão deste vasto universo. Tempo viria em que este ponto, acrescentado de mil em mil anos a outro ponto, encheria todo este espaço do mundo e outros dez mil espaços muito mais dilatados que ele; mas a eternidade não teria perdido nem um só instante de sua duração. Multiplica números sobre números e, depois de haver imaginado essa multidão quase infinita de séculos em que se perde a imaginação, não se diminuiria nem um só momento à espantosa eternidade. Com tudo isso, a felicidade ou a infelicidade infinita dessa eternidade incompreensível e espantosa depende do bom ou do mau uso desse ponto de tempo. E este tempo se administra com tão pouca economia! E se aproveita tão pouco deste tempo! E este tempo se deixa passar e se deixa perder como se sua perda fosse de nenhuma consequência! Bom Deus, e que visivelmente acredita esta conduta nossa pouca fé e nossa pouca religião! O jovem imagina diante de si uma carreira cujo termo apenas lhe alcança a ver; mas poucos chegam tão longe como a idade lhes promete, e nenhum deixa de achar-se na última hora muito antes do que ele imaginava. O que se acha numa idade avançada conta com não sei que fundo de saúde e de robustez que lhe parece não se há de alterar jamais, e sempre fixa a época de sua morte a alguns anos mais além. Nem sequer se crê que a mesma velhice nos vai aproximando do fim da vida. Seja falta de entendimento ou falta de religião, poucos velhos consideram próxima sua morte. Nem sequer a mesma enfermidade nos faz confessar que o tempo é curto. Ninguém deixa de pensar que ainda há de ter mais tempo; mas, enfim, se o número dos anos e a mesma decrepitude da senectude nos está dizendo sem cessar, mal que nos pese, que o tempo é breve, quantos velhos se encontram que se convertam? Só se pensa em aplicar quantos meios se discorrem conducentes para prolongar a vida e de nenhuma maneira no que pode conduzir para santificar o pouco que resta dela. Não parece senão que as pessoas anciãs temem que, se pensam na morte, o mesmo pensamento a traga a sua casa mais depressa. É necessário haver vivido num contínuo pensamento de que algum dia se há de morrer para empregar os últimos momentos da vida em procurar uma morte cristã. «O tempo é breve, diz o caminhante; logo é mister dar-me pressa para chegar ao termo da jornada. O tempo é breve, diz o mercador; logo é mister aproveitá-lo para fazer negócio.» Só, ou quase só, o cristão não sabe tirar a devida consequência em ordem à outra vida, confessando que é breve o tempo da presente. Parece que só no negócio que nos importa mais estamos faltos de juízo e de razão.

# Evangelho

O evangelho é do capítulo 24 de São Mateus.

**Mateus 24,3-13**

> **Latim:** 3 Sedente autem eo super montem Oliveti, accesserunt ad eum discipuli secreto, dicentes : Dic nobis, quando hæc erunt ? et quod signum adventus tui, et consummationis sæculi ? 4 Et respondens Jesus, dixit eis : Videte ne quis vos

> seducat : [5] multi enim venient in nomine meo, dicentes : Ego sum Christus : et multos seducent. [6] Audituri enim estis prælia, et opiniones præliorum. Videte ne turbemini : oportet enim hæc fieri, sed nondum est finis : [7] consurget enim gens in gentem, et regnum in regnum, et erunt pestilentiæ, et fames, et terræmotus per loca : [8] hæc autem omnia initia sunt dolorum. [9] Tunc tradent vos in tribulationem, et occident vos : et eritis odio omnibus gentibus propter nomen meum. [10] Et tunc scandalizabuntur multi, et invicem tradent, et odio habebunt invicem. [11] Et multi pseudoprophetæ surgent, et seducent multos. [12] Et quoniam abundavit iniquitas, refrigescet caritas multorum : [13] qui autem perseveraverit usque in finem, hic salvus erit.

**Português:** [3] E estando elle assentado no monte das Oliveiras, se chegárao á elle seus discípulos á puridade, perguntando-lhe: Dize-nos, quando succe derão estas cousas? e que sinal haverá da tua vinda, e da consummação do século? [4] E respondendo Jesus, lhes disse: Vede não vos engane algum: [5] porque virão muitos em meu nome, dizendo: Eu sou o Christo : e enganarão a muitos. [6] Haveis pois de ouvir guerras, e rumores de guerras. Olhai não vos turbeis : porque importa que assim aconteça, mas não he este ainda o fim. [7] Porque se levantarão nação contra nação, e reino contra reino, e haverá pestilencias, e fomes, e terremotos em diversos lugares. [8] E todas estas cousas são princípios das dores. [9] Então vos entregaráo á tribulação, e vos matarão: e sereis aborrecidos de todas as gentes por causa do meu nome. [10] E muitos então serão escandalizados, e se entregaráo de parte a parte, e se aborrecerão huns aos outros. [11] E levantar-se-hão muitos falsos profetas, e enganarão a muitos. [12] E por quanto multiplicar-se-ha a iniquidade, se resfriará a caridade de muitos: [13] mas o que perseverar até o fim, esse será salvo.

# Meditação

*Sobre os frutos da penitência*

# Primeiro ponto

Considera a muita razão que teve o Salvador do mundo para encarregar-nos tanto o cuidado de que não nos enganassem. Bem se pode dizer que em ponto de salvação não há coisa mais comum que a ilusão e o engano. Nunca se mostra mais engenhoso nosso amor-próprio para alucinar-nos; mas que fazemos nós para não ser enganados?

Talvez nos valemos de certos exercícios espirituais, de certas devoções, de certos atos de virtude exercitados muito superficialmente, à cuja sombra nos atolondramos e vivemos muito tranquilos sobre muitos pontos que estão pedindo reforma. Caiu-se em pecado; todos imaginam haver feito penitência; mas onde estão os frutos dela? Não obstante, toda penitência infrutuosa é como se não se fizesse. Em vão se lisonjeia o homem de uma conversão exterior se não está convertido o

coração.

Por frutos de penitência não se entendem somente as macerações do corpo, mas principalmente a mortificação das paixões e a reforma dos costumes: estes são propriamente os frutos que Deus espera de nossa penitência.

A frequência de Sacramentos, a oração e as boas obras são sem dúvida grandes meios para chegar à perfeição; mas, se não obstante uns meios tão poderosos nos mantemos sempre imperfeitos, sempre altivos, impacientes, invejosos, imortificados e coléricos, poder-se-á contar muito sobre o uso desses meios?

Atos são de penitência as austeridades corporais; mas o fruto desta penitência exterior deve ser a mortificação das paixões e a reforma das sinistras inclinações da alma. De que servirá um exterior humilde e reformado se se abriga o fel no coração e se o orgulho secreto é a paixão dominante?

Mas não basta levar frutos de penitência. São tão comuns as adversidades nesta vida e tão frequentes os trabalhos que neste sentido apenas haveria árvores estéreis. É mister levar frutos dignos de penitência; isto é, frutos verdadeiros de penitência dignos de ser apresentados ao Senhor, agradáveis a seus divinos olhos e que sejam de seu gosto. Têm estas qualidades os que eu tenho levado até aqui? São desta espécie?

Esses jejuns tão mal observados, essas mortificações de tão pouca duração e tão ligeiras, essas mostras, essas aparências de arrependimento e de penitência, não são frutos verdes e sem sazão que nunca chegam a amadurecer?

Meu Deus, e quanto é de temer que ao tempo da colheita, em que tomais contas tão exatas e em que o pai de famílias examina tão escrupulosamente o que produzem suas terras, não nos achemos alcançados em muitas partidas!

# Segundo ponto

Considera que a penitência sem fruto é penitência sem mérito. Quantos padecem sem que receba Deus seus trabalhos! São muitos os aflitos, mas poucos os penitentes.

A vida religiosa é um contínuo exercício de penitência. E não seria muita desgraça haver levado sem fruto uma vida austera e penitente? Mas que fruto? Um religioso entregado inteiramente à tibieza e à relaxação; um religioso todo cheio, todo ocupado do espírito do mundo, que fruto pode tirar de sua penitência? Oh, e que necedade é não querer aproveitar-se dos frutos da cruz que necessariamente se traz às costas! Nem por isso se padeceria mais; antes se padeceria muito menos, porque os frutos, ainda que se apresentam amargos, são verdadeiramente doces e saborosos. Não se percebe esta doçura porque se busca a satisfação fora da cruz.

Ninguém há que não tenha muito que padecer nesta vida. Em todas as partes se usam trabalhos; nem estão isentos deles os que vivem com maiores conveniências. Todo terreno produz este gênero de plantas. Por que deixaremos perder o fruto que dão? Padeçamos pelo menos com

paciência, já que não sejamos tão santos e tão generosos que padeçamos com alegria. Ofereçamos nossos trabalhos a Jesus Cristo unindo-os com os seus; aceitemo-los como castigo muito merecido por nossos pecados. Nem por isso nos afligirão mais e por outra parte não será sem fruto; antes farão parte do fruto de nossa penitência.

Custar-nos-ia muito trabalho achar os miseráveis frutos de nossas paixões, de nossas inclinações viciosas e os que produz o terreno de nossa iniquidade? Mas quanto nos custaria encontrar os frutos dignos de nossa penitência! Não obstante, o dia vai declinando, o tempo da conta se aproxima, achamo-nos quase ao fim da carreira, tocamos a sepultura com a mão. Quem nos assegurará do contrário?

Que frutos tem levado até aqui nossa penitência? Frutos secos e amargos por não os haver adoçado o rego da divina graça; frutos verdadeiramente podres pela impaciência, o enfado e o desagrado com que tem ido acompanhada nossa penitência; frutos inúteis e sem sazão porque a covardia, a inconstância e o haver voltado a paixão não os deixou amadurecer. E em meio a isso esta é toda a nossa provisão, este é, por assim dizer, todo o descargo com que saímos deste mundo para comparecer ante o tribunal da divina Justiça.

Meu Deus, por vossa infinita misericórdia ainda estou em estado de fazer menos infrutuosa minha penitência. Confesso que, por áspera e por longa que seja, nunca será correspondente a minhas maldades; mas confio com o auxílio de vossa divina graça fazer daqui em diante frutos de penitência que não mereçam ser rejeitados por Vós.

# Jaculatórias

Vós sabeis, Senhor, as lágrimas que me custaram minhas culpas: chorá-las-ei por toda a vida, sem excetuar sequer o tempo destinado ao necessário descanso, porque regarei meu leito com as lágrimas de meus olhos. (Sl 6.)

Bem vedes, Senhor, o que sente meu coração, e testemunha sois de minhas lágrimas e de meus suspiros. (Sl 37.)

# Propósitos

1. Assombro é que os mais obrigados a fazer penitência sejam os que menos fazem. Quantas impossibilidades quiméricas, ou pelo menos quantas dificuldades insuperáveis se alegam quando se trata de admitir uma ligeira penitência pelas mais enormes culpas! Poucas senhoras do mundo, poucos jovens dissolutos podem jejuar; que digo jejuar, os mais pretendem que se lhes deve dispensar até da mesma abstinência. Se se trata de dar esmolas, há dívidas, há uma numerosa família, está uma pessoa sitiada de obrigações. Se se fala de algumas devoções na igreja, de um pouco de oração, não se pode, não há tempo, estorvam-no as visitas; de maneira que os maiores

pecadores parece que hoje se consideram desobrigados de fazer penitência. Mas como se poderão lisonjear de ser penitentes? Examina se tens estado até aqui neste erro. Guarda-te bem, quando chegares ao sagrado tribunal da penitência, de consultar tua sensualidade, teu amor-próprio e tua delicadeza. Considera-te aos pés do confessor como aos pés de Jesus Cristo. Ele é teu médico: não te toca a ti escolher os remédios; ele é teu juiz: não te corresponde a ti determinar a sentença nem a pena que se te impõe em satisfação de teus pecados. Que sinal há de contrição em todas essas melindrosas dificuldades, em todas essas vãs escusas? Aceita sempre com humildade e com submissão a penitência que te impuserem. Oh grande Deus, que proporção há entre a pena e a culpa! Mas, se te considerares obrigado a representar alguma coisa, faze-o com tanto rendimento e com tanta indiferença que se conheça que tem nisso mais parte a razão que a sensualidade.

2. Não creias que a penitência que te impõe o confessor te escusa de fazer outra; aquela é como arras ou como penhor desta. Toda a vida de um cristão, e sobretudo de um cristão pecador, deve abundar em frutos de penitência. Se nem todos se podem macerar com largas abstinências e com outras austeridades, todos, sem excetuar um só, se podem e se devem mortificar. São muitas as espécies que há de frutos de penitência. Todas quantas coisas se apresentam te podem dar ocasião para opor-te a tuas inclinações naturais. O humor, o gênio e até as mesmas paixões podem servir para esta ditosa fertilidade. Não há tempo nem lugar que não proporcione algum motivo para o exercício da penitência. Há certas circunstâncias em que te vêm grandes impulsos de ver ou de falar; que bela ocasião para calar e baixar os olhos! Pode granjear-te grande aplauso numa conversação um dito agudo e a tempo, uma zombaria com discrição; mas suprimindo um e outro, oferecem-te também matéria para um grande sacrifício. Sendo a conversão do coração e a reforma dos costumes os que se chamam com propriedade verdadeiros frutos de penitência, vive de maneira que se reconheçam em tua modéstia, em tua moderação e em toda a tua conduta. Onde não há reforma, nem há frutos de penitência, nem há conversão.

---

Revision #1
Created 20 November 2026 20:52:58 by Admin
Updated 20 November 2026 20:52:58 by Admin